



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO  
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

## **EDUCAÇÃO EM SAÚDE: ANÁLISE SOBRE EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DO DIÁLOGO ENTRE SCHWARTZ E THOMPSON**

Suzeline Ferreira–UNISC

**GE: Memórias, Trajetórias e Experiências na Educação.**

### **Resumo**

Em meados dos anos 80, principalmente na Europa, algumas mudanças ideológicas propiciaram um pensamento mais voltado para as capacidades humanas no trabalho, como por exemplo, a experiência. Esta comunicação tem como objetivo principal compreender os conceitos da categoria experiência, e para tal, propõe um diálogo entre Yves Schwartz e Edward Thompson, pesquisadores de bastante relevância na área da educação e ensino, bem como no mundo do trabalho. Não se tem aqui a pretensão de analisar todos os conceitos que envolvem a temática, e sim, realizar um exercício escrito relacionando-o com a trajetória profissional desta pesquisadora diante da atuação como enfermeira. Para atingir os objetivos propostos será realizada uma revisão de literatura. Através da análise dos dados levantados em contraponto com a realidade contemporânea do mundo do trabalho, é notável a presença da experiência nos ambientes laborais, o que acontece igualmente na área da saúde. Portanto, considera-se fundamental começar a pensar dialeticamente o conceito de experiência. Neste sentido, este instrumento constitui-se em uma oportunidade individual para refletir a práxis, e posteriormente contribuir para reflexões coletivas.

**Palavras-chave:** Saberes, Trabalho, Experiência.

A dedicação de um pensamento voltado para as capacidades e habilidades humanas para o trabalho é relativamente recente. Os primeiros movimentos aconteceram na Europa, em meados dos anos 80. Uma das principais categorias analisadas é a experiência, objeto de estudo dos pesquisadores, escritores e educadores Schwartz e Thompson.

Este trabalho se constitui em um exercício escrito desta iniciante pesquisadora, sem a intenção de aprofundamentos teóricos. Portanto, configura oportunidade de reflexão da prática profissional como enfermeira através da relação entre o conhecimento científico fruto do estudo em si e melhor compreensão sobre a experiência, importante categoria em análises referentes aos ambientes laborais.

Para atendermos fielmente ao que nos propomos neste ensaio escrito, se faz necessário primeiramente conhecermos os indivíduos aos quais decidimos colocar em o que chamaria de “diálogo ou conversa temática”.

Yves Schwartz é filósofo e professor da Universidade de Provence/França, onde também dirige o Departamento de Ergologia. Vem se dedicando aos estudos da perspectiva ergológica desde que ela emergiu na França nos anos 80. Tem diversas publicações importantes na área, sendo considerado referência neste quesito. Cooperou com diversos grupos de estudo, inclusive no Brasil – Uerj, UFRJ. O eixo principal da obra de Schwartz é o que sabemos e podemos conhecer do trabalho dos homens.

A perspectiva ergológica desenvolvida através do "*dispositivo dinâmico de três pólos*", associa, de forma original, profissionais de pesquisa a trabalhadores na investigação do "mundo do trabalho" e suas transformações. Entre outras influências, destaca a colaboração com o grupo de pesquisa-intervenção de Ivar Oddone e a influência da obra de Georges Canguilhem. (SCHWARTZ, p. 457, 2006).

Thompson usou de sua trajetória de vida, trabalho e militância para aguçar sua capacidade de problematizar a realidade e os sujeitos. Trabalhou como professor de adultos e foi integrante do Partido Comunista Inglês. Ingressou na universidade em torno dos 40 anos. Analisa as classes sociais como um processo de formação e daí vem a importância da experiência para tal pesquisador. Fornece bastante subsídios para a compreensão dos saberes do trabalho aliados às condições subjetivas.

O ponto central desta comunicação está sobre uma categoria importante para ambos os autores destacados, bem como para qualquer pesquisador que se dedique a analisar e buscar compreender o complexo mundo do trabalho – a experiência. A séculos vem acontecendo constantes mudanças neste contexto, sendo inclusive objeto de estudo de grandes pensadores, sociólogos, educadores e várias áreas do conhecimento. Com a Revolução Industrial e Revolução Burguesa, o capitalismo foi propulsor de muitas destas alterações. Marx, pesquisador de extrema relevância sobre a temática, justifica a importância da categoria abordada.

Para Marx, a experiência não é aquilo em que se desdobra o conceito, a experiência é produção da história humana pela produção material. Tradição muito rica e muito importante, mas, ao mesmo tempo, atribuindo uma dimensão cada vez mais totalizadora à experiência, implodimos novamente o problema de sua função formadora, pois tanto em Hegel quanto em Marx, dizer que a experiência é formadora é uma tautologia. (SCHWARTZ, p. 39, 2010).

Assim, justifica-se também o significado desta abordagem para esta pesquisadora. Como nos demais locais de trabalho, o ambiente laboral da saúde se solidifica e se desenvolve através da experiência dos seus sujeitos colocada em prática nos seus fazeres diários.

Fato que relacionamos com a perspectiva de Schwartz, onde podemos citar a experiência como um saber fazer, diferente do saber teórico. Ele próprio reflete sobre os pensamentos de Kant – para qual a experiência não é formadora, ou seja, ela nos dá algo, mas não nos permite pensar – e Marx – que defende a experiência como formadora, numa visão de dimensão totalizadora.

Quando frequentamos as situações de atividade e, notadamente, a atividade de trabalho, acredito que podemos dizer que toda situação de trabalho é, sempre em parte, e esse *em parte* é sempre imprevisível (quer dizer que não podemos jamais antecipar a proporção), aplicação de um protocolo e experiência ou encontro de encontros. É isso que, em minha opinião, resgata a importância desse conceito de experiência que se tornou insípido. Atualmente, nos meios de trabalho, regulados pelas normas técnicas, econômicas, gestoras, jurídicas, toda situação de trabalho é sempre em parte a aplicação de normas *antecedentes*. (SCHWARTZ, p. 42, 2010).

No ambiente das instituições de saúde, podemos facilmente relacionar com os acontecimentos “imprevisíveis” citados anteriormente. Dentro do hospital não conseguimos antecipar e prever a grande maioria das situações, fato este que exige da equipe além do conhecimento científico necessário, a aplicação de normas pré-estabelecidas e a experiência adquirida por todos os envolvidos.

Thompson também se dedica ao estudo das experiências cotidianas, analisando o modo de vida do trabalhador e os modos de produção. Ressalta a experiência, como uma categoria de suma importância para qualquer pesquisador por se referir às respostas de um indivíduo ou um grupo, de muitos acontecimentos e repetições de um mesmo evento.

Thompson buscou em seus trabalhos historiográficos dar voz a homens e mulheres esquecidos nas análises de historiadores marxistas afinados com as teorias estruturalistas. Para tal, buscava perceber através da luta de classes a formação de experiências históricas do operariado inglês do século XVIII. O conceito de experiência serviria para Thompson, como um modelo unificador das ações dos trabalhadores. (JUNIOR, p. 2, 2011).

O trabalho se constitui como fonte de aprendizagem através de uma construção individual e coletiva. Muitos dos saberes conhecidos são gerados pelo convívio, na prática do trabalho; são socializados e reinventados no exercício laboral.

Neste sentido, a aplicabilidade da experiência no cotidiano do trabalho em saúde, e especificamente na enfermagem é comum e rotineira. A relação entre teoria e prática acontece no desenvolvimento das atividades e procedimentos durante todo o período de trabalho, e vai sendo aprimorada nas trocas de conhecimento entre os membros da equipe.

Para apreender os saberes constituídos no trabalho, é preciso considerar a forma de trabalho na atualidade, as formas anteriores e as perspectivas apontadas por Marx de um trabalho com base na livre associação entre os trabalhadores; assim como considerar os modos de aprendizado presentes nas diferentes formas históricas do trabalho. “Nosso conhecimento não fica (esperamos) por isto aprisionado nesse passado. Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestam, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social. (THOMPSON *apud* VENDRAMINI, 2006, p. 128).

Na sua concepção, a experiência é o vivido, o que acontece e os sentidos a isso atribuídos. Para tal propõe dois tipos de experiência, chamada por alguns de seus seguidores como experiência I e II, ou experiência vivida e experiência percebida.

Tanto no ambiente laboral como na vida em sociedade ou através do convívio familiar, o indivíduo oportuniza trocas de experiências e valores, o ser humano está em constante evolução. Independente do local, as experiências sempre o acompanham, interligando pensamentos, procedimentos e atitudes.

Creio que descobrimos uma outra coisa, de significação ainda maior para todo o projeto do Socialismo. Introduzi, algumas páginas atrás, outro termo médio necessário, “cultura”. E verificamos que, com “experiência” e “cultura” estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas

também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com estes sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral. (THOMPSON, p. 189, 1981).

É através destas vivências, reflexões acerca de suas práticas e aprendizados consequentes, que a experiência tem o poder de transformar. A práxis diária, embasada nos conhecimentos teóricos nos oportuniza refletir, e é exatamente por isso que a experiência pode ser emancipatória.

O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem à *experiência* modificada; e essa experiência é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (THOMPSON *apud* VENDRAMINI, p. 126, 2006).

É notável a contribuição de ambos com suas abordagens sobre a categoria. Sabemos da ampla variabilidade dos espaços possíveis para novas experiências, e o quanto o trabalho pode proporcionar experiências emancipadoras. Sempre relacionado ao contexto coletivo, pessoas com objetivos comuns em busca de algo que as identifique, incluindo suas bagagens passadas e perspectivas futuras.

Contudo, aqui neste ensaio comprova-se a importância desta experiência escrita na trajetória desta iniciante pesquisadora. Poder contribuir com reflexões a cerca da experiência no ambiente de trabalho e como esta se constitui, faz sentido nesta caminhada em busca de conhecimentos sobre o ser social, mundo do trabalho e contexto do trabalhador.

## REFERÊNCIAS

SCHWARTZ, Yves. Entrevista In: **Trabalho, educação e saúde**. v. 4 n. 2, p. 457-466. 2006.

JUNIOR, J.A.C.C.M. O conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, p. 1-11, julho 2011.

SCHWARTZ, Yves. A experiência é formadora? **Educação & Realidade**. jan-abr 2010, p. 35-48.

THOMPSON. E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VENDRAMINI, Célia Regina. A contribuição de E. P. Thompson para a apreensão dos saberes produzidos no/do trabalho. **Educação Unisinos**. São Leopoldo, 123-129, maio/agosto 2006.